

ENTRAVES PARA A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA COM PERSPECTIVA DE GÊNERO: o que dizem as mulheres

Nayara Nascimento de Sousa[1]

RESUMO
Este resumo expandido é um recorte da dissertação que analisou os fatores que dificultam a perspectiva de gênero na produção de conteúdo jornalístico. Foi aplicado um survey direcionado a mulheres que atuam ou já atuaram no jornalismo no Brasil, seja na mídia ou fora da mídia, desde que tivessem alguma experiência com produção jornalística. Para este trabalho, discutimos alguns dos relatos das informantes, referentes às suas experiências no mercado do jornalismo, no que diz respeito ao que vivenciaram como entrave para produzir conteúdo com perspectiva de gênero. Os resultados mostram que o ambiente de trabalho com pouca diversidade de gênero é capaz de inibir que as profissionais consigam propor pautas com foco em grupos minorizados.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; jornalismo; mulheres.

Em junho de 2021, participei da 7º edição do Colóquio Mulher e Sociedade, que teve como tema “Desigualdades de gênero e interseccionalidade: os direitos humanos em tempos de crise”. Naquele momento, enquanto discente do mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM/UFMA), minha dissertação estava na fase de coleta de dados por meio de um survey direcionado a mulheres do jornalismo de todo o Brasil. Foi durante a realização do colóquio que prontamente consegui apoio para divulgar a pesquisa e a imediata adesão de informantes. A defesa da dissertação aconteceu em 2022 e, no ano seguinte, o trabalho conquistou o Prêmio Adelmo Genro Filho (PAGF), promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Para o 9º Colóquio Mulheres e Sociedade, pretendo discutir alguns dados da dissertação, já que a pesquisa foi construída com a contribuição de mulheres deste espaço.

Analisar os fatores que dificultam o emprego da perspectiva de gênero na produção de conteúdo jornalístico foi o objetivo principal que mobilizou a dissertação “Entraves para a produção jornalística com perspectiva de gênero a partir da feminização do jornalismo no Brasil”[2] (Sousa, 2022), orientada pela profa. Dra. Camilla Quesada Tavares. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um survey online, aplicado entre 2 de junho e 3 de setembro de 2021 a mulheres que atuam ou já atuaram no

[1] Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC). E-mail: nayara.ndesousa@gmail.com
[2] Agradecimento especial à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo apoio.

jornalismo no Brasil, seja na mídia (em redações) ou fora da mídia (assessorias, agências etc.), desde que tivessem alguma experiência com produção jornalística. Finalizada a coleta, foram validadas 217 respondentes de todos os estados do país e do Distrito Federal. É a partir desse corpus que, neste resumo expandido, serão discutidos alguns dos relatos das informantes, referentes às suas experiências no mercado do jornalismo, no que diz respeito ao que vivenciaram como entrave para produzir conteúdo com perspectiva de gênero.

Conforme o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 indica, o jornalismo é composto majoritariamente por mulheres, representando 57,8% (LIMA et al., 2022), porém o maior ingresso feminino no mercado ainda não é suficiente para que as pautas com enfoque de gênero sejam amplamente veiculadas (Vecchio-Lima; Souza, 2017). A pesquisa “Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias”, de Márcia Veiga da Silva (2010), que realiza uma pesquisa etnográfica numa redação de televisão da RBS, com o objetivo de entender as relações do jornalismo com a cultura, com a formação de valores e as relações de gênero, conclui que o gênero do jornalismo no Brasil é masculino. Isso significa que a ocupação dos cargos, os modos de produção, a divisão das pautas e a perspectiva adotada no conteúdo privilegiam um viés masculinista, assim como não apenas os valores generificados incidem no jornalismo, mas também as concepções da cor/raça branca, da classe média, heterossexual e da meia idade (Silva, 2010).

Olhando para a imprensa tradicional, a literatura aponta que, em geral, mesmo as pautas definidas pelas mulheres tendem a não priorizar temas com enfoque de gênero (Abreu; Rocha, 2006). Contudo, é importante levar em conta que a mídia independente não necessariamente é revolucionária (Carvalho; Bronosky, 2017), de modo que, mesmo que haja mais espaço para o jornalismo com perspectiva de gênero nessas iniciativas, esse gap também pode ser observado nesse nicho. Chaher (2007) pontua que os jornais tradicionais estão mais pressionados a incluir uma agenda de gênero na produção, mas os veículos fazem isso sem o conhecimento de todas as dimensões e sem a capacitação das/os profissionais para abordar os assuntos. Mano (2017) conclui que a produção do jornalismo com foco no gênero parte muito mais de atitudes profissionais individuais do que das mudanças significativas nos veículos.

De acordo com o relatório “Mulheres no Jornalismo Brasileiro” (Mazotte; Toste, 2017), realizado pela organização feminista Gênero e Número em parceria com a

Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), parte das profissionais entrevistadas indicou que, mesmo quando produzem matérias com viés de gênero, o texto sofre intervenções por editores homens. Outras mulheres não conseguem sequer emplacar a pauta, em virtude da resistência dos editores em aceitar matérias com foco nas assimetrias de gênero. Também é comum que o feminismo seja tratado como tema não verdadeiramente jornalístico.

Diante desse contexto, nos interessa discutir os alguns dos relatos de mulheres que atuam ou já atuaram no jornalismo, sobre as dificuldades que elas vivenciaram ao propor pautas com foco no gênero em seus locais de trabalho. Embora a pesquisa tenha sido realizada com uma abordagem quantitativa, no survey tivemos a preocupação em disponibilizar espaços abertos para que as informantes pudessem discorrer sobre suas experiências profissionais e impressões relativas à pesquisa. Desse modo, conseguimos reunir alguns relatos relevantes que serão apresentados a seguir. É importante ressaltar que esta pesquisa olha para o jornalismo com perspectiva de gênero com uma visão mais ampla, pois não é nossa finalidade, neste trabalho, aprofundar o tema. Assim, a pesquisa leva em conta se as informantes já tiveram algum contato com questões de gênero na produção e compreende o jornalismo com perspectiva de gênero da seguinte forma: “produção que pretende focar nas mulheres desde a definição da pauta, no tema e enfoque do conteúdo, nas fontes femininas, recursos imagéticos (fotos, ilustrações, gráficos) etc.”.

O primeiro relato destaca que os ambientes de trabalho com pouca diversidade de gênero dificulta a produção com foco em mulheres, porque o assunto não é discutido e parece não fazer parte da cultura profissional:

> Trabalho numa empresa pública onde mulheres são uma minoria. Percebi que não há nenhum trabalho de comunicação interna que traga alguma reflexão sobre a questão de gêneros ou até mesmo temas que estão em alta nas discussões em redes sociais. Ambiente machista e tóxico (Informante A, 2022).

Na segunda experiência compartilhada na pesquisa, a informante observa como problema o sexismo nos cargos da empresa, olhando para os sindicatos. Para ela, as pautas que contemplem as mulheres podem contribuir para a mudança no ambiente de trabalho: “os sindicatos também precisam abrir espaço para a liderança

das mulheres. Os homens se eternizam nos cargos de maior visibilidade. A inclusão de pautas de gênero pode ser um caminho" (Informante B, 2022).

O terceiro relato menciona que, em muitos ambientes de trabalho a produção com foco em mulheres é diminuída, tida como "interesse particular", constituindo assim uma barreira para a proposição das pautas: "acredito que o mais difícil em produzir pautas e matérias com o foco nas mulheres, seria a impressão da matéria ser para fins de militância" (Informante C, 2022).

Por fim, uma das informantes compartilha as dificuldades que ela vivenciou em um ambiente com pouca diversidade de gênero, principalmente com chefes homens, o que naturalizou a perspectiva masculina na produção. Contudo, com a entrada de mais mulheres no local, foi possível adotar mudanças que também se refletem na produção:

> Construir e pautar conteúdos voltados a pluralidade e defesa dos direitos das mulheres, pessoas negras, diversidade religiosa, pessoas LGBTQI+ é um desafio cotidiano. No Órgão que eu trabalho, sou assessora de imprensa concursada de um Tribunal de Justiça, quando tomei posse não faziam pautas voltadas para esses públicos, pois todos os meus chefes imediatos eram homens e a equipe de jornalista era composta por homens, que não tinham essa consciência ou não enxergavam a necessidade de trazer essa pluralidade de vozes para os produtos da assessoria. Então, foi um desafio começar a emplacar pautas voltadas para a temática de gênero. Mas, conforme uma ou outra pauta eu conseguia soltar, especialmente, vinculada às datas comemorativas, como Dia Internacional da Mulher, a equipe de gestão tanto do setor, quanto administrativa da instituição também foi tendo mais mulheres nas lideranças e conselhos deliberativos e os conteúdos começaram a ser publicados e debater os temas de uma forma não superficial ou com a presença de estereótipos. Mas, o caminho ainda é grande, porém, continuo produzindo, pensando e pesquisando a questão (Informante D).

Dessa forma, os relatos apontam que as profissionais encontram dificuldades para propor pautas com foco nas mulheres, sobretudo porque há uma naturalização de que falar sobre mulheres é "apenas militância", não se constituindo em jornalismo. A ideia de objetividade jornalística tem um peso importante na construção desse estereótipo, sendo utilizada para rotular as produções com foco nas mulheres como subjetivas e, sendo assim, para deslegitima-las. Entretanto, a literatura mostra que os valores do jornalismo são masculinos (Silva, 2010), logo essa objetividade também tem gênero.

Assim, o ambiente de trabalho predominantemente masculino (ou com chefia masculina) pode ser um entrave até mesmo no sentido de inibir que as/os profissionais consigam propor pautas com foco em grupos minorizados. É válido enfatizar que isso não significa que ter maioria de mulheres no trabalho conseguirá, por si só, sanar esse gap. Mas quanto mais diversidade, mais as profissionais podem sentir que tratar de gênero não é um problema.

Para finalizar, é imprescindível reconhecer as iniciativas de resistência das profissionais que utilizam "brechas" para trazer discussões de gênero e que contemplem outras minorias na produção. Além disso, as iniciativas de jornalismo feminista e os movimentos político-sociais de mulheres com suas interseccionalidades também têm papel fundamental, já que tensionam cada vez mais os diversos setores do jornalismo para que visibilizem as questões de gênero na produção.

Referências

ABREU, A. A.; ROCHA, D. (Org.). **Elas ocuparam as redações**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral**, v. 4, n. 1, p. 21-39, 2017.

CHAHER, S. Medios masivos/medios alternativos y redes de periodistas. *In*: CHAHER, S.; SANTORO, S. (Org.). **Las palabras tienen sexo**: introducción a un periodismo con perspectiva de género. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007. p. 111-124.

LIMA, S. P. *et al*. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.

MANO, M. K. T. De um jornalismo sexista a um jornalismo com perspectiva de gênero. **Lutas Sociais**, v. 21, n. 39, p. 9-20, 2017.

MAZOTTE, N.; TOSTE, V. (Coord.). **Mulheres no jornalismo brasileiro**. São Paulo: ABRAJI, 2017.

SILVA, M. V. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 249f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOUSA, N. N. **Entraves para a produção jornalística com perspectiva de gênero a partir da feminização do jornalismo no Brasil**. 2022. 200f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.



VECCHIO-LIMA, M. D.; SOUZA, H. C. A. Espaços alternativos na internet como formas de visibilizar as mulheres no jornalismo brasileiro. **Media & Jornalismo**, v. 17, n. 31, p. 131-152, 2017.